

## “MENINOS E MENINAS: APRENDENDO SOBRE MASCULINIDADES E FEMINIDADES”, DE CARRIE PAECHTER

PAECHTER, Carrie. *Meninos e meninas: aprendendo sobre masculinidades e feminidades*. Tradução de Rita Terezinha Schimidt. Porto Alegre: Artmed, 2009. 192 p.

Wesley Fernando de Andrade Hilário\*

*Meninos e meninas: aprendendo sobre masculinidades e feminidades*, obra de Carrie Paechter, professora de Educação da Universidade de Londres, foi originalmente publicada em 2004, traduzida por Rita Terezinha Schimidt e lançada em 2009 pela Editora Artmed. Ainda que tal publicação não seja tão recente, muitos pesquisadores que atuam no campo dos estudos educacionais relacionados às temáticas de gênero e sexualidade, por exemplo, a utilizam como ferramenta teórica tanto por sua relevância acadêmica, que pode ser comprovada pelas inúmeras citações em artigos, teses e dissertações, quanto pela fácil compreensão dos assuntos abordados.

Em suma, a obra mostra como meninos e meninas “aprendem” a serem homens e mulheres e quais os comportamentos dos sujeitos inseridos nesses dois grupos são resultados das relações sociais que conformam, regulam e sustentam essas identidades, e que indicam como as pessoas devem se comportar em determinados lugares e situações. A ideia central presente na obra é a de

que tal procedimento está relacionado ao aprendizado e à construção de ideias sobre masculinidades e feminidades em diferentes contextos sociais em que essas pessoas estão inseridas. Por isso, tornar-se homem ou mulher depende não somente da incorporação individual dessas concepções, mas também das noções construídas coletivamente pelos outros participantes desses grupos.

Sendo, então, as masculinidades e feminidades implicações de processos grupais, tese essa defendida pela autora, a obra evidencia em que constituem esses processos, tendo essa questão como ponto de partida e problemática. Nesse sentido, Carrie Paechter pontua que compreender as relações sociais envolvidas nas construções das identidades de meninos e meninas é importante por dois principais motivos. O primeiro deles desloca, pois, a ideia de que o modo como as diferentes pessoas agem depende diretamente de suas estruturas genéticas ou de influências hormonais, o que direciona nosso pensamento para o fato de que as diferenças de gênero

\* Graduando do curso de Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS. E-mail: weehillario@hotmail.com.

são, na verdade, mais uma questão social do que biológica. O segundo motivo é que ao buscar compreender tais processos, revela-se que por todas as relações sociais estarem envolvidas em relações de poder, elas são constantemente modificadas; e os efeitos sobre os envolvidos nesses processos serão variáveis, tornando a construção de identidades masculinas ou femininas um processo dinâmico, instável no tempo e na cultura em que acontece.

Carrie Paechter ressalta que a família, o grupo de seus pares e a escola compõem a tríade responsável pela construção das identidades de crianças e de suas concepções e comportamentos em relação às masculinidades e às feminidades. Contudo, ainda que todos esses espaços desempenhem papel determinante na vida desses sujeitos, o olhar observador da autora recai principalmente para a terceira instituição, sendo nesse espaço onde são desenvolvidas as situações e exemplos que dão sustentação à obra.

O livro é dividido em dez capítulos. No primeiro, intitulado *Introdução*, a autora apresenta o percurso que o leitor fará durante a leitura da obra. De forma simples, mas não superficial, Carrie Paechter nos situa sobre a importância de seu livro e apresenta os assuntos tratados nos capítulos sucessivos, de modo que nos sintamos ainda mais aguçados a desbravar e descobrir os processos responsáveis por fabricar homens e mulheres na nossa sociedade.

No segundo capítulo, intitulado *Sexo e gênero, poder e conhecimento*, a autora desenvolve a moldura teórica

que embasa a obra. Inicialmente apresenta o legado cartesiano em relação ao dualismo corpo/mente, de modo que possa problematizar o fato de que com essa divisão, a identidade foi concebida como determinada pela mente, gerando como consequência a reivindicação de teóricos pela distinção dualista entre sexo e gênero. Em seguida, apresenta os conceitos de masculinidades e feminidades, que são, assim como o próprio gênero, uma encenação<sup>1</sup>. Adiante, sob uma perspectiva foucaultiana, observa que o processo de tornar-se homem ou mulher é sustentado e regulado por relações de poder e conhecimento, desenvolvendo também o conceito de mecanismo de vigilância panóptica.

Continuando a apresentação teórica de seu trabalho, Carrie Paechter mostra no terceiro capítulo, intitulado *Masculinidades e feminidades como comunidades de prática*, como identidades consideradas masculinas ou femininas são construídas em comunidades de prá-

---

1 Segundo a tradutora do livro, esta é uma adaptação do termo *performance*, que tem sua origem nos discursos advindos das artes cênicas, mas foi apropriado para os estudos linguísticos na segunda metade do século passado. No entanto, a autora do livro se utiliza deste termo por meio da obra de Judith Butler, filósofa estadunidense que diz que o gênero é imposto na materialidade dos corpos por meio dos discursos que regulam e sustentam as práticas dos sujeitos. A *performance* é, nesse sentido, uma fabricação discursiva das práticas em relação ao corpo, gênero e sexualidade. Em se tratando de masculinidades e feminidades, a *performance* é feita dependendo dos espaços sociais nos quais quem a faz está inserido. Para mais, ver BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. 5. ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013. 236 p.

ticas<sup>2</sup>, estritamente, quais as implicações e os mecanismos pelos quais tal processo ocorre. A autora coloca que essa construção depende de quatro dimensões, todas ligadas à relação entre poder e conhecimento, e as desenvolve conectivamente. São elas: i) a legitimação do sujeito a participar dessas comunidades de prática, dependendo de sua posição na comunidade e em relação às suas práticas nesse contexto; ii) o corpo como fator de inserção da criança em determinada comunidade, o que evidencia que a materialidade do corpo é determinante no estabelecimento das futuras práticas a serem exercidas nesses locais; iii) o controle das práticas desses sujeitos que são feitas, na maioria das vezes, por participantes já legitimados como masculinos ou femininos que definem, de certa forma, se esses “novos” participantes podem ou não estar inseridos em determinado grupo; iv) manutenção das fronteiras em relação ao que pode ou não ser feito por esses “novos” participantes, processo que se dá exclusivamente por exclusão coerciva ou por reivindicação de superioridades pelo já legitimados homens ou mulheres.

A partir do quarto capítulo, intitulado *Aprendendo masculinidades e feminidades com pais, irmãos e educadores*, a autora dá início ao exame da construção das masculinidades e feminidades em bebês e crianças em contextos especifi-

---

2 Segundo a autora, “comunidades de prática” podem ser compreendidas como sendo os espaços nos quais meninos e meninas vivem e aprendem a se tornarem homens e mulheres a partir do engajamento em práticas e experiências compartilhadas, isso é, a partir de situações vividas em comum com outras pessoas que fazem parte desses contextos. “Nessas comunidades, as crianças e os jovens experienciam o que é ser tratado como homem e mulher e aprendem quais são as expectativas da comunidade da qual fazem parte em relação aos gêneros” (PAECHTER, 2009, p. 16).

cos. Exemplifica o começo desse processo a partir do contexto familiar, lugar primeiro a influenciar na construção das identidades desses sujeitos. A autora diz que crescer como menino ou menina e tornar-se homem ou mulher nesse espaço dependem, invariavelmente, da naturalização das diferenças de gênero que são feitas desde a nomeação do sexo do bebê. Em outros termos, isso significa que nesse ato, várias expectativas que são consideradas como “normais” recairão sobre o bebê e deverão ser futuramente obedecidas para que ele continue no grupo em que foi inicialmente inserido, quais sejam as atitudes, os direitos e deveres sociais, as práticas afetivas e sexuais, e outras inúmeras características que distinguem os sujeitos como pertencente a cada um dos gêneros. Adiante, aborda como os fatores biológicos (onde se introduzem as capacidades e limites físicos e aparência externa do corpo) e os fatores cognitivos e sociais (temas de conversas, brinquedos e brincadeiras, por exemplo) são determinantes no estabelecimento e manutenção das diferenças que, sutis ou não, separam e definem bebês e crianças como masculinas ou femininas.

Já em *Masculinidades e feminidades na pré-escola*, quinto capítulo da obra, Carrie Paechter restringe suas ideias e passa a abordar o processo da construção dessas identidades no contexto escolar. Nele a autora trata de como os primeiros anos em espaços educativos, sejam eles os maternais ou a pré-escola, são determinantes para a assimilação das características e das diferenças de cada gênero, ainda que as atividades nesses ambientes sejam realizadas em conjun-

to com meninos e meninas, e estruturadas por adultos que já possuem noções diferenciadas entre ambos. Demonstra que a percepção de crianças sobre essas diferenças é adquirida gradualmente em função dos distintos tratamentos que anteriormente recebem da família, sendo elas, desse modo, naturalizadas e levadas para os demais estágios de desenvolvimento. Outro ponto discutido são as práticas de professores e professoras que, ainda que de forma implícita, contribuem para a naturalização dos aspectos distintivos. Além disso, evidencia que é nessa fase, onde crianças têm em média de três a sete anos de idade, que elas adquirem consciência de que o gênero é fixo: se for menina, futuramente se tornará uma mulher; se for menino, um homem.

Avançando em sua reflexão, no sexto capítulo intitulado *Meninos e meninas no ensino fundamental*, a autora trata da modificação das noções de masculinidades e feminidades ocorrida quando crianças passam da fase maternal ou pré-escolar para o ensino fundamental, lugar onde são estimuladas a novas experiências físicas e sociais por meio da estrutura espacial, currículo escolar, relação com os professores/as etc. São evidenciados alguns dos mecanismos envolvidos no processo de masculinização ou feminização dessas crianças, que são, por exemplo, a resistência do/a aluno/a contra o/a professor/a, a superioridade do/a aluno/a em relação aos/as demais colegas, a relação do/a aluno/a com a instituição escolar. É válido ressaltar, ainda, que nesse processo está em jogo não somente a construção identitária de meninos ou meninas,

mas também como aqueles/as que ocupam lugar de alunos/as. A autora enfoca, principalmente, a importância do controle dos corpos na sala de aula, que inclui dentre tantas coisas, a negação da sexualidade das crianças, como se elas não possuíssem desejos, até mesmo o comportamento dos professores, dado sua influência e importância nesse espaço. Desse modo, finaliza apontando que é somente nas atividades de educação física que esses alunos são permitidos a utilizarem seus corpos, mas ainda assim sob suspeita, controle e intervenções para a manutenção das fronteiras do que diferencia meninos e meninas.

*Brincadeiras e grupos infantis de pares: construindo masculinidades e feminidades em espaços ao ar livre*, sétimo capítulo da obra, é onde a autora trata de como as crianças do ensino fundamental constroem suas noções de masculinidades e feminidades em espaços recreativos. Carrie Paechter evidencia que as crianças se utilizam desses lugares para dar continuidade ao processo de legitimação de suas identidades por meio do uso de determinadas práticas corporais e intelectuais, sendo o primeiro mais efetivado por meninos e o segundo por meninas. Ela cita inúmeras pesquisas que evidenciam esses episódios, mas adverte para o fato de que as formas como tais situações ocorrem são determinadas por aspectos contextuais, como por exemplo, a localização da escola, o nível econômico, raça e etnia das crianças que a frequentam. Aponta detalhadamente como são efetivadas e produzidas as masculinidades e feminidades nos espaços de recreação a partir do exame de quatro pontos: se

as crianças brincam, com o que brincam, onde brincam e como brincam.

Mesmo quando as crianças entram na adolescência, a escola continua a exercer influência na construção de suas masculinidades e feminidades. Tal afirmativa de Carrie Paechter é o ponto de partida para a continuação da abordagem desse processo no oitavo capítulo, intitulado *Masculinidades e feminidades no ensino médio*. A autora mostra como o sistema escolar determina essas identidades a partir das regras e normas estabelecidas que indicam, de certa forma, “quem pode ser, o que pode fazer e por quê”. São colocados e desenvolvidos alguns aspectos determinantes para a construção das masculinidades e feminidades nessa fase, como o uso do corpo, a afirmação da sexualidade e o currículo acadêmico, por exemplo. Em meio a essas observações, a autora cita a importância que os professores têm em tais contextos, uma vez que são eles que balizam e definem o que deve ser feito pelos/as alunos/as na escola, seja dentro ou fora da sala de aula.

No nono capítulo, sob o título *Ser e se tornar: aprendendo masculinidades e feminidades em comunidades de adolescentes*, Carrie Paechter sai do cenário escolar e parte para a reflexão de como os adolescentes constroem suas masculinidades e feminidades junto ao processo de alcance da maturidade. A autora enfoca as percepções desses/as adolescentes sobre as consequências associadas ao “tornarem-se” adultos/as, e quais as atitudes tomadas por esses/as jovens em tal momento de transição para a afirmação e constituição de suas identidades. Nesse processo de determinação de

masculinidades e feminidades estão envolvidas algumas questões, quais sejam: o fato de encenar essas características tanto para o “eu” quanto para os outros que estão inseridos no mesmo grupo ou não; a afirmação da heterossexualidade; e o uso de objetos, estilos, linguagem e roupas, por exemplo. Dessa forma, ao fazerem aproximações entre si, esses jovens constroem seus grupos de identidade que levarão para a fase adulta, tornando desse momento o mais crucial e importante para a definição de determinadas formas de viverem suas masculinidades ou feminidades, de tornarem-se homens ou mulheres.

Na *Conclusão*, Carrie Paechter faz considerações sobre o que foi abordado ao longo do livro, bem como aponta que discutir sobre o processo de construção de masculinidades e feminidades é importante para saber como se dão as relações entre homens e mulheres, muitas vezes de forma desigual, gerando preconceito, discriminação e violência. De forma geral, retoma os conceitos discutidos durante o livro, fornecendo uma visão mais ampla do que foi tratado.

É importante ressaltar que ao final do quarto ao nono capítulo, a autora apresenta seções com o título *Intervenções*, nas quais são colocadas algumas possíveis práticas a serem realizadas de acordo com o problema e questionamentos feitos durante o capítulo em questão.

Esse livro torna-se indispensável, pois, para aqueles e aquelas que se interessam sobre a discussão de como os sujeitos constroem suas masculinidades e feminidades, e por extensão aprendem o que é ser homem ou mulher na socieda-

de, e que, além disso, pretendem compreender as relações de poder envolvidas nesse processo. Estritamente é essencial para que professores e demais profissionais da educação tomem conhecimento das temáticas abordadas, uma vez que as

exemplificações são dadas em contexto escolar, possibilitando, assim, interferir e mediar possíveis conflitos existentes na escola que tanto contribuem para as desigualdades de gênero e preconceito em relação à sexualidade.